

MOVIMENTOS EM REPERTÓRIO: descolamentos cartográficos

*Érica Etelvina Viana de Jesus **
*Lilian Miranda Magalhães **
*Everton da Silva Batista **
*Carlos Alberto Ferreira Danon **
*Eduardo Reis Silva **
*Midian Angélica Monteiro Garcia **

Resumo: Esse texto engendra criticidades possíveis nas variabilidades dos encontros cognitivos, que foram e continuam sendo estabelecidos pelos entroncamentos das definições e articulações semelhantes e dessemelhantes do campo da pesquisa acadêmica. Contemplam-se também diversos olhares, tanto dos autores que assinam este artigo, quanto dos teóricos que visualizam e virtualizam planos de imanência constituintes de um meio no qual os saberes encontram-se em movimentos. Trata-se de descolamentos que rearranjam repertórios os quais ultrapassam os maneirismos canônicos da tradição do pensamento filosófico/científico concernentes à educação.

Palavras-chave: Cartografia; Pesquisa; Subjetividades

Abstract: *This text engenders possible criticisms in the variability of cognitive encounters, which were and continue to be established by the crossroads of similar and dissimilar definitions and articulations in the field of academic research. Different views are also contemplated, both from the authors who sign this article, and from the theorists who visualize and virtualize immanence plans that constitute a medium in which knowledge is in motion, which rearranges repertoires that go beyond the canonical mannerisms of tradition of philosophical/scientific thought concerning education.*

Key-Words: *Cartography; Search; Subjectivities*

* Pós doutorado em Neurociências na Universidade Autônoma de Barcelona e doutorado em Imunologia UFBA, professora da UNIJORGE.

* Doutora em Alimentos, Nutrição e Saúde – UFBA- Professora da UNIJORGE, NEPAC/UFBA.

* Doutor em Biotecnologia em Saúde e Medicina Investigativa do CPqGM/FIOCRUZ, professor da UNIJORGE, professor da UNIJORGE.

* Doutor em Medicina e Saúde Humana Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública – EBMS.

* Doutorando em Artes Cênicas UFBA, Mestre em Literatura e Crítica Literária (PUC/SP).

* Doutoranda em Artes Cênicas UFBA - Mestre em Teorias da Literatura e da Cultura UFBA. Professora da UNIJORGE.

Quanto mais irracional, mais aberrante – e, portanto, mais lógico.

David Lapoujade

É possível pensar o ensino da pesquisa fora dos parâmetros estabelecidos na academia? Quais relações afetam o sujeito e o objeto da pesquisa? Até que ponto o limiar entre o objeto e o sujeito da pesquisa é de fato tão rígido? Estão de fato em campos semânticos tão distintos ou esse par é constituição de um pensamento dicotômico e binário?

Para principiar uma reflexão sobre todas essas questões levantadas, iniciamos com o conceito cunhado por Denise Najmanovich (2001), sobre a ideia do Sujeito Encarnado, cuja discussão pressupõe pensar que o sujeito da contemporaneidade se constitui a partir de uma nova noção de corporeidade. Nesse sentido, o conhecimento do outro e de si implica as dimensões múltiplas que engendram a experiência corporal em seu contato com os espaços, com os objetos, com o outro. Trata-se de agenciamentos que se instauram no atravessamento mesmo da experiência, daí a ideia de um corpo vivencial. É possível, portanto, compreender e deslocar o próprio lugar da pesquisa, que assume, nessa perspectiva, uma tonalidade de gesto cartográfico que considera a própria enunciação e todos os aspectos que a atravessam como aspectos privilegiados para a investigação.

Tal concepção cunhada por Najmanovich delinea o sujeito em suas movências, constituído em uma espécie de devir. É, nesse sentido, que é possível pensar a pesquisa como um movimento que se define não como ação fixa, previamente determinada, mas como uma experiência deslizante, no sentido de implicar reorganização constante do corpo, como ela mesma afirma, a realidade é “enatuada”. Trata-se de um desafio que dialoga plenamente com pesquisas que já se propõem percursos metodológicos processuais, na relação com o próprio objeto de investigação. Experienciar o mundo, portanto, é vivenciar no corpo as várias teias que o constituem em seus contextos, numa experiência corporalizada, o que Najmanovich denomina de malha de percepção do sujeito encarnado. O pesquisador contemporâneo é esse sujeito em devir cujo corpo, mente, sujeito e objeto não se dissociam.

Já não se trata, simplesmente, de indicar novos lugares no velho mapa da modernidade, e sim que os desenvolvimentos contemporâneos exigem a construção de um novo espaço cognitivo, em que corpo-mente, sujeito e objeto [...], são pares co-relacionados e não oposição de termos independentes. Najmanovich (2001, p. 8).

É nesse sentido, que se compreende que Najmanovich tenciona a ideia de um modo fixo para se construir o conhecimento. Nesse sentido, investigar, pensar e conhecer são movimentos criativos que envolvem as várias vozes que se enlaçam na experiência do pesquisador enquanto sujeito encarnado.

Trazer o corpo encarnado para a pesquisa confronta a perspectiva epistemológica moderna, onde o corpo restringe-se a uma dimensão física com dotação de movimento mecânico dado pela funcionalidade do ritmo biológico da vida. Nessa lógica, o corpo é para ser examinado, manipulado com base em parâmetros expectados por classificações que estabelecem linhas de normalidades e de patologias. Para as normalidades indicam-se atributos de condução para manutenções e continuidades, para as patologias, ao contrário, prescrevem-se ajustes e correções.

Canguilhem observa:

A necessidade de restabelecer a continuidade, para melhor conhecer, a fim de melhor agir é tal que, levando-a às últimas consequências, o conceito de doença se desvaneceria. A convicção de poder restaurar cientificamente o normal é tal que acaba por anular o patológico. A doença deixa de ser objeto de angústia para o homem são, e torna-se objeto de estudo para o teórico da saúde. É no Patológico, com letra maiúscula, que se decifra o ensinamento da saúde, de certo modo assim como Platão procurava nas instituições do Estado o equivalente, ampliado e mais facilmente legível, das virtudes e vícios da alma individual. Canguilhem (2009, p.12).

A ideia opositiva e excludente entre o normal e o patológico quando parametrizadas pelas medidas modernas elege o normal como referência de busca. O terreno biológico quando considerado o patológico migra para o campo do

rejeito, que, ao estabelecer contrastes de coexistências impossíveis, indica o padrão da funcionalidade normal do corpo e de suas partes. Normal e patológico estão afastados, tencionam dicotomias de viveres, não pressupõem condições diferentes para coexistências, ainda que negociadas. No alcance tautológico do padrão, onde a normalidade emergisse única, o patológico e a normalidade se dissolveram, a existência de padrões requer oposição para fazer não, subalternidades e invisibilidades. A supremacia de um corpo normal, contraditoriamente, afirma-se na fragilidade de um corpo patológico. Ou seja, em última instância, a hegemonia para montar estrutura, supostamente sólida, finca alicerce em um terreno, que a própria normalidade, considera arenoso.

O corpo encarnado, narrado por Najmanovich (2001), pressupõe uma corporalidade que emerge em movimento carnal, como sugere a composição semântica, a vida das pessoas em suas expressões subjetivas e nos seus pertencimentos coletivos. Encarnar o corpo é torná-lo uma conjunção de si refletida na conjunção das alteridades. Corpos de encarnações perfilam paisagens que nas construções subjetivas comunicam os sentidos e significados das conjunções coletivas. O movimento de fazer o corpo encarnar é, portanto, um movimento de busca de vida que se encontra na busca de outras vidas. Trata-se de um paradigma que associa diferença e diversidade em compartilhamento de história, memória e devir. Nesse trânsito, a encarnação de um corpo se movimenta pelo compartilhamento e ressignificações que operam a partir de outros corpos em encarnação.

A epistemologia para percepção de conjunturas em movências por corpos encarnados requerem um processo de compreensão de interatividades proximais. Não de uma proximidade romântica que apaga conflitos, narrando harmonias de ordens, mas de uma proximidade ordinária, que no movimento do cotidiano move-se em negociação, influência, solidariedade, violência...abordagens, concepções e manejos que fazem o dizer da vida que inclusive diz sobre a morte. Nessa lógica, a pesquisa não se desloca para pessoas, seja por aproximações de interesses ou distanciamentos de neutralidade, mas, aloca-se para o corpo encarnado. Aloca-se para compreender por escuta, olhar, tato, cheiro, os reflexos de um espelho de vida, que entre outros e outras, encontra-se esse, o também, corpo encarnado de quem faz pesquisa.

Ao pensar em pesquisa e colocar-se no local de pesquisador, faz-se necessário vislumbrar a perspectiva do sujeito encarnado de Najmanovich (2001), em que para se conceber a busca pelo conhecimento do mundo é necessário contemplar sua inserção nele e nos seus próprios processos de conhecimento. Enredados nessa concepção, a ideia basilar de uma pesquisa não pode ser buscada pelo pesquisador, e sim experienciada por ele para que, por fim, seja tomado pelas ideias. De fato, como reflete Gomes (2015, p. 121): “Quando dizemos que estamos implicados em nossa pesquisa não estamos falando de nós, indivíduo singular, mas de campos de forças que nos tomam e nos movem para diferentes lugares”.

O lugar do pesquisador é o “lugar do não saber”. Aquele que se permite vivenciar o estado processual da pesquisa, se envolvendo com os acontecimentos que a cercam em um constante movimento cotidiano de perceber e reconceber novos olhares para o objeto da pesquisa. O “não saber” aqui é percebido como o não encarceramento das ideias em contextos previamente categorizados, que contemplam uma metodologia prevista e estabelecida antes do seu início, fundamentada em previsibilidades de hipóteses que, ao serem testadas, devem se confirmar ou não. Ao se desvencilhar das amarras metodológicas previamente concebidas, se experienciam os desenlaces, frutos dos movimentos cotidianos dos sujeitos da pesquisa, que somente podem ser contemplados por um pesquisador que permite a construção e reconstrução dos saberes durante o processo.

Aqui vale a reflexão da “pesquisa com o cotidiano” proposta por Ferraço (2003). Ao se inserir profundamente no objeto de estudo, ao ponto de confundir-se com ele, surge uma nova perspectiva de ser pesquisador de si próprio, constituindo-se o cerne da sua própria investigação. Dessa forma, os lugares de estudo se modificam e se fundem nas movências do corpo encarnado, não se investigando “sobre” os movimentos do cotidiano, mas sim “com o cotidiano”, entendendo-se todos envolvidos como partícipes da tessitura do saber. De fato, ao considerar o sujeito da pesquisa Ferraço (2007, p. 74) observa: “[...] todos aqueles que, de modo mais visível ou mais sutil, deixam suas

marcas nesse cotidiano”.

Não obstante ao “lugar do não saber”, nas escolhas dos objetos de pesquisa também se contempla o “lugar de identificação”. Ao compreender o pesquisador como aquele que pesquisa sobre si mesmo, a construção das reflexões sobre o objeto a ser contemplado pelo estudo não se inicia do desconhecimento completo. As fundamentações desse pensar se permeiam nas afinidades do pesquisador, as suas experimentações, no vivenciar o mundo, atravessam suas subjetividades e os sentidos por elas traduzidos. Assim, o estudo com o cotidiano pode ser legitimado, pois, tendo nascido das inquietações que permeiam as vivências e experimentações do existir cotidiano do pesquisador, contempla o “outro”, indivíduos atores e autores desse movimento cotidiano.

A compreensão dicotômica que polariza o normal e o patológico como condições antagônicas e excludentes, mantém noções classificatórias e processos de validação que afastam a complexidade da experiência enquanto processo dinâmico, que contempla, de modo simultâneo, ambiguidade, coexistência, incerteza, imprecisão. Orientada por lógicas semelhantes, a epistemologia positivista, ainda hegemônica na produção científica em diferentes campos disciplinares, atribui legitimidade a métodos convencionados como forma de manter uma espécie de ordem das pesquisas científicas que cerceiam processos poéticos de produção do saber. Contudo, ao instituir e manter direções, tal perspectiva epistemológica enrijece, circunscreve e restringe processos investigativos, desde os pressupostos às hipóteses.

Por outro lado, a grandeza da existência sempre escapa, escorre, ebule, provoca microrupturas. Convoca outras questões, outros instrumentos conceituais, outras ferramentas para transitar por territórios dinâmicos, multidimensionais.

Nesse contexto, fazem-se necessários enfoques originais, dinâmicos, interativos, complexos, que assumam a existência encarnada do pesquisador como parte constitutiva e ressonante da realidade atuada, cambiante. Vinculado ao seu objeto, o sujeito que delinea a investigação é também atravessado por ela. Sensível, atento a conexões emergentes, intensas ainda que efêmeras, transformadoras ainda que imprevistas, impensadas, pode fazer perguntas inéditas e contribuir efetivamente para a ampliação de repertórios teóricos acerca de fenômenos cada vez mais complexos.

Referências

CANGUILHEM, G. **O Normal e o patológico**. Tradução de Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas; revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução do posfácio de Pierre Macherey e da apresentação de Louis Althusser, Luiz Otávio Ferreira Barreto Leite. - 6.ed. rev. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FERRAÇO, C.E. **Eu, caçador de mim**. In: GARCIA, R.L. (Org.). Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FERRAÇO, C.E. **Pesquisa com o cotidiano**. Educ. Soc., Campinas, v. 28, n. 98, p. 73-95. 2007.

GOMES, M. A. O. **Diversidade e diferença no aprender ensinar: ou sobre fragmentos de infância, bons encontros e cuidado de si**. Práxis Educacional. v. 11, n. 18 p. 117-129. 2015.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: N-1 Edições, 2015.

NAJMANOVICH, D. **O sujeito encarnado: questões para pesquisa no/do cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.